



FORMAS E MODOS DE INSERÇÃO NO OFÍCIO E NA FEIRA LIVRE DE SANTO ANTÔNIO DE JESUS – (1950-1970)

Hamilton Rodrigues dos Santos¹

Conforme o memorialista Fernando Pinto de Queiróz, a cidade de Santo Antônio de Jesus, anteriormente denominada de Capela do Padre Matheus, Capela de Santo Antônio de Jesus e, depois, apenas Capela, tem suas “origens” relacionadas ao sítio da Capela construída em terras doadas pelo Padre Matheus Vieira de Azevedo, em 27 de setembro de 1776, ao redor da qual foi-se edificando. Até o ano de 1852, essas terras estavam ligadas eclesiasticamente ao município de Nazaré, quando a Capela foi elevada à categoria de freguesia. Tornou-se vila em 1880, tendo a sua Câmara se instalado em 04 de março de 1883, e, em 1891, sendo elevada juridicamente à categoria de cidade. Limita-se ao norte com os municípios de Conceição do Almeida e Dom Macedo Costa (que se desmembrou de São Felipe em 1962); ao sul, com Laje, São Miguel das Matas e Aratuípe; a leste com Muniz Ferreira e São Felipe; e a oeste com Varzedo.²

Localizada na Região do Recôncavo da Bahia, mais especificamente na Região do Recôncavo Sul, a cidade de Santo Antônio de Jesus teve seu povoamento estimulado a partir do plantio e cultivo de produtos agrícolas como: mandioca, café, fumo, laranja, banana, jaca e outros gêneros alimentícios e atividades agropecuárias desenvolvidas ao longo de sua história que remete aos séculos XVII e XVIII quando os primeiros arruamentos começaram a se instalar próximo à Praça Padre Mateus.

Essas atividades tinham como principal objetivo a produção de alimentos para abastecer a população local, da região e as cidades canaveiras, e atender à demanda dos homens que se deslocavam para colonizar o Sertão e, também, à população de Salvador, capital do estado. O Recôncavo Baiano, ao longo de sua história, configurou-se como uma região singular e plural, composta por vários sistemas de produção e cultivo e múltiplas formas de relações sociais. Segundo a historiadora Ana Maria Carvalho,

¹ Doutorando do Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade Federal do Ceará – UFC. Mestre em Cultura, Memória e Desenvolvimento Regional pela Universidade do Estado da Bahia – UNEB. Professor Assistente da UNEB – Campus XIII Itaberaba.

² Fernando Pinto de Queiróz, *A capela do Padre Matheus*, Feira de Santana: Sagra, 1995, p. 223.

Se existem elementos que lhe dão unidade, há também aqueles que demonstram a sua diversidade. Difícil perceber a riqueza, a pobreza, os contrastes do Recôncavo sem levar em conta a variedade dos seus aspectos físicos, sócio-econômicos e o seu percurso histórico.³

A autora ainda ressalta que é possível identificarmos o Recôncavo como um grande conjunto composto de porções diferenciadas. Estas porções, que podem ser vistas como pequenos recôncavos são: o Recôncavo canavieiro, o Recôncavo fumageiro, o Recôncavo mandioqueiro e da subsistência, o Recôncavo da pesca e o Recôncavo ceramista.

Essa configuração produziu na região uma diversificação econômica e, concomitantemente, contribuiu para a intensificação de diferentes processos de ocupação e povoamento, proporcionando mudanças significativas na estruturação do espaço regional e das relações sociais. Alguns estudos abordam o Recôncavo canavieiro como uma região completamente diferente dentro do Recôncavo Baiano, enfatizando que a ocupação daquele espaço e a construção das relações sociais foram decorrentes da monocultura canavieira baseada no sistema produtivo do tipo *plantation*. Todavia, cabe ressaltar estudos mais recentes como o do historiador Walter Fraga Filho, que mostra que a faixa de terra que a literatura consagrou como Recôncavo Clássico ou Tradicional “não era apenas um grande engenho”, havia ali grande variedade de cultivos e nem todos os escravos estavam ligados à economia açucareira.⁴

Dentro desse contexto – Recôncavo e Recôncavos – é que se insere historicamente a cidade de Santo Antônio de Jesus, cujas terras do Recôncavo mandioqueiro e da subsistência proporcionaram o surgimento de várias povoações e possibilitaram a constituição de uma sociedade iminentemente rural com características e objetivos distintos da sociedade canavieira, por exemplo.

No decorrer dos séculos XVIII, XIX e XX, diversos fatores provocaram uma profunda transformação no espaço-regional do Recôncavo

³ Ana Maria Carvalho dos Santos Oliveira, *Recôncavo Sul: Terra, Homens, Economia e Poder no Século XIX*, Salvador-Bahia: Editora UNEB, 2003. p. 57.

⁴ Walter Fraga, *Encruzilhadas da liberdade. Histórias de escravos e libertos na Bahia (1870-1910)*, São Paulo. Editora UNICAMP. 2006, p. 23.

Sul, resultando no aparecimento, crescimento ou “declínio” de povoados, vilas, cidades e municípios. Os principais fatores que contribuíram para as mudanças na configuração e na dinâmica social dos núcleos urbanos e rurais no Recôncavo Sul da Bahia foram, inicialmente, os caminhos das vias terrestres marcados por pedestres, carros de boi, burros, cavalos, carroças e, mais tarde, o transporte flúvio-marítimo e ferroviário, além das atividades econômicas, sobretudo as feiras livres.

O comércio local do município de Santo Antônio de Jesus era animado com a feira livre que se constituiu como uma das primeiras atividades comerciais desenvolvidas no município e na região, cuja existência remonta à história do surgimento da própria cidade quando, em seus primórdios, localizava-se nos arredores do Oratório de Santo Antônio, onde atualmente está localizada a Praça Padre Mateus.

Nas feiras baianas, locais públicos privilegiados para a venda de mercadorias, encontravam-se produtos bastante variados, como gêneros alimentícios, utilidades domésticas, remédios, garrafadas, peças do vestuário, acessórios diversos, animais, dentre outros. Entretanto, as feiras representavam muito mais do que um espaço de negócios, Ana Maria Carvalho entende as feiras como lugares:

[...] onde eram estabelecidos contatos comerciais e sociais, corriam os preços dos produtos e as notícias sobre o cotidiano das pessoas: quem havia casado, nascido, falecido, estava doente, o escravo fugidio, o senhor falido ou enriquecido era notícia. Todos estavam nas conversas que se desenrolavam por entre as bancas ou barracas dos feirantes.⁵

Essa dinâmica consolidou a feira livre de Santo Antônio de Jesus como um espaço que, além de ser lugar para as simples práticas de um comércio varejista, se constituía em múltiplos lugares de criação, de maneiras de viver e resistir às dificuldades cotidianas enfrentadas por trabalhadores do campo e da cidade. Essa feira funcionava como uma espécie de vitrine da produção “local”, da população, da cidade e da região; era um elo entre o viver urbano e o rural, e revelava muito da cultura dos Recôncavos Baianos. Em Santo Antônio de Jesus entre os anos 50 e 70 do século XX, a feira atraía

⁵ Oliveira. op. Cit. p. 69.

comerciantes, feirantes e fregueses dos diversos arraiais e cidades vizinhas, tornando-se um grande “empório comercial” na região.

Para o historiador Charles D’Almeida Santana, no Recôncavo Sul da Bahia, a partir do início do século XX, as cidades passaram a adquirir “centralidade” nas maneiras de viver das pessoas residentes nos povoados, distritos e localidades próximas.⁶ Apesar da população na zona urbana da cidade de Santo Antônio de Jesus (39,9%) na década de 50 estar bem inferior à população rural (60,1), a década de 60 já anunciava um aumento populacional na cidade para expressivos 45,5%, enquanto o campo absorvia 54,5% da população.⁷

Junto a esse aumento populacional, crescia também a importância da cidade para os trabalhadores rurais que buscavam na urbe não só mercadorias, como também conversas, bebedeiras, diversão, arte, educação para os filhos, alternativas de sobrevivências e, sobretudo, trabalho.

Dessa forma, a feira livre de Santo Antônio de Jesus era um dos espaços mais disputados na cidade por homens e mulheres das zonas rurais, como também da própria urbe. Ela era um polo que atraía pessoas de várias cidades da região do Recôncavo baiano que nela adentrava de várias formas e com diversos objetivos, principalmente para trabalhar. Nesse sentido, torna-se importante indagar: quais os modos e formas de inserção dos feirantes nesse ofício e no universo da feira?

O ofício de feirante não tem um aprendizado formal, ele se constitui a partir de um leque de experiências sociais ou da sabedoria comum de uma determinada coletividade. O que é um feirante? Conceituo os trabalhadores desse ofício a partir da concepção de Amy Alves quando afirma que “feirante é toda e qualquer pessoa, produtor ou revendedor, adulto ou criança, homem ou mulher, que esteja vendendo algum bem ou mercadoria na feira”.⁸ Porém, acredito que essa concepção precisa ser

⁶ Charles D’Almeida Santana, Dimensão histórico-cultural (cidades do Recôncavo), *Cadernos CAR – Programa de Desenvolvimento Regional Sustentável*. Salvador-Ba, 1999. p. 47.

⁷ Para saber sobre aspectos demográficos da cidade de Santo Antônio de Jesus nas décadas de 50 e 60, verificar fontes: IBGE/SEI – Anuário Estatísticos da Bahia.

⁸ Amy Adelina Coutinho de Faria Alves, A mulher da feira do Riachão: modos de vida e experiência, in: ÁLVARES, Maria Luiza Santos & FERREIRA, Eunice (org.), *Olhares e diversidades: os estudos sobre gênero no Norte- Nordeste*. Belém-Pará. GEPEM/REDOR, 1999, p. 143.

ampliada. Partindo desse princípio, acrescento que se tornar feirante está muito associado às experiências que muitos homens e mulheres tiveram antes de assumir esse ofício e adentrar no cenário da feira. Reconstituir as trajetórias e experiências desses sujeitos e interrogar suas motivações e escolhas são elementos fundamentais para responder as questões que proponho pensarmos. Defendo a ideia de que homens e mulheres não nascem feirantes, eles tornam-se.

João Nunes dos Santos, vulgo João do Couro, iniciou-se no mundo do trabalho ainda quando criança, entre os sete e oito anos de idade, auxiliando seus pais no plantio e colheita das roças. Ainda pequeno, aos 9 anos, tornou-se “fazedor de carvão” e aos 14, por volta dos anos 1946, colocava o fruto de sua produção no lombo do animal e se deslocava para a cidade de Nazaré das Farinhas para vender carvão na feira livre daquela cidade, nos dias de quarta-feira e aos sábados. Em meio às atividades de carvoeiro, ele dividia o tempo trabalhando em algumas propriedades rurais para ganhar mais alguns trocados.

Esse feirante se deslocava do Rio da Dona, às doze horas da noite, para chegar em Nazaré às seis ou sete horas da manhã. Em sua narrativa, ele contou que sofria muito, porque a “estrada era distante” e chegava em Nazaré com o corpo repleto de lama. Ele lamentava a sua condição de vida e nutria um forte sentimento de fé e esperança que um dia aquela realidade, à qual estava submetido, iria se transformar. Durante a longa caminhada que realizava até o local de venda dos produtos, ele interiorizava em sua mente: “eu tenho fé em Deus que eu não hei de acabá meus dia de vida fazendo carvão”.⁹ Ele dividia as aventuras da viagem com outros companheiros, pois João do Couro foi o primeiro da família a iniciar-se nesse ofício.

Até a modernidade chegar aos lares das populações residentes no Recôncavo baiano, no final dos anos 70 e início da década de 80, o carvão era um produto importante, porque era utilizado nos “fogões à lenha” para o cozimento dos alimentos, pois o fogão a gás ou elétrico ainda não era uma realidade¹⁰. Assim, o carvão era uma das mercadorias bastante

⁹ Depoimento de João Nunes dos Santos. Feirante. Avenida Juracy Magalhães n. 560, Santo Antônio de Jesus-Ba. Nascido em 24/06/ 1931. Depoimento – 2006, p. 03.

¹⁰Sobre os novos padrões de consumo incorporados pela sociedade brasileira entre os anos 1950-80 e as mudanças sociais, ver o interessante artigo: Capitalismo tardio e sociabilidade moderna de João Manuel Cardoso de Mello e Fernando A. Novais, in *História da Vida Privada no Brasil*

comercializadas nas feiras da região. Fazer carvão era uma atividade árdua. Sobre o processo de produção deste produto Esmeraldo Nunes contou que

[...] derruba a mata, passa o fogo e queima, corta a lenha pra botá dentro do forno pra fazer o carvão. O forno cava um buraco no chão enche de lenha. Depois pega o capim joga por cima da madeira, depois joga terra por cima do capim, deixa uma boca aberta e chega do outro lado coloca o fogo e vem queimando. Quando sai na outra boca o carvão já está feito, já está queimado, já queimou aquela lenha, já é carvão.¹¹

Também sujeito desse universo, Vitalina Santos Souza nasceu numa zona rural do município de Santo Antônio de Jesus e foi uma feirante que muito trabalhou em sua infância para ajudar sua mãe na sobrevivência da vida cotidiana. Ao acompanhá-la, quando ainda tinha 10 anos de idade, para colocar barraca na feira livre daquela cidade, Vitalina saía à pé da Jueirana, área rural bastante distante do município. Ao falar das dificuldades que tinha para levar as mercadorias para serem vendidas na feira, relembra que ela e sua mãe levavam.

Tudo na cabeça, era tabuleiro de bolo, outros trazia assim, como é? Naquele tempo não era alumínio, era barro, aquela panela de barro, trazia na cabeça. Tinha vez que tirava do fogo naquela hora e jogava na cabeça. Às veze, quando sentia assim dor de cabeça, minha mãe, né? Dor de cabeça, aí dizia assim: “Ai meu Deus! Isso foi da panela quente”. Botava aquela arrudia bem grande, viu, mais mesmo assim ela achava que passava. Né? Sabe? A pessoa andando da Jueirana, do fim da Jueirana, porque a Jueirana aqui é muito fácil, mais do fim da Jueirana com a panela de coisa na cabeça, de Miguzá, esse negócio era difíce, viu?¹²

4 – *Contraste da intimidade contemporânea*. São Paulo. Companhia das Letras. 2002. p. 559-658.

¹¹ Depoimento de Esmeraldo Nunes dos Santos. Feirante. Avenida Juracy Magalhães n. 430, Santo Antônio de Jesus-Ba. Nascido em 04/09/1939. Depoimento 15/08/2015. p. 02.

¹² Depoimento de Vitalina Santos Souza. Rua do Calabá nº 301. Santo Antônio de Jesus-Ba. Nascida em 1936. Depoimento realizado em 2006. p. 03.

A falta de recursos financeiros não permitia que Vitalina e sua mãe dispusessem de um animal para transportar suas mercadorias, pois ela tinha oito filhos para criar. E mesmo com seu esposo trabalhando, não conseguia soldos para tal empreendimento, uma vez que ele destinava boa parte do seu salário aos jogos de azar.

Outro feirante que compartilhava experiências de luta pela sobrevivência na roça e começara a trabalhar ainda criança foi Augusto Laranjeira. Na região do Recôncavo Sul da Bahia era comum a existência de pequenos proprietários rurais, rendeiros, meeiros, comerciantes, diaristas e assalariados nos anos 1950-60. Todavia, a falta de terra própria para trabalhar consistiu-se em um dos motivos que impulsionaram o deslocamento de vários homens e mulheres do campo para a cidade. Nascido em Sapeaçu, aos oito anos de idade, Augusto Soares da Silva deixou a enxada, foice e o facão e acompanhou a sua família: “porque a coisa não tava ficando boa pra trabaio, meu pai procurava um lugá que pudesse trabaiaí e lá não achava terreno em abundança”.¹³ Portanto, Augusto Laranjeira passou a perambular pelas cidades do Recôncavo baiano em busca de novas alternativas de trabalho.

Ao chegar em Nazaré das Farinhas, Augusto lá permanecera por cinco anos por causa da pescaria de mangue. Entretanto, o ato de pegar caranguejo em Coroa Grande não fora o suficiente para ele. A busca de uma colocação melhor no mundo do trabalho o conduziu à decisão de tornar-se feirante na cidade de Santo Antônio de Jesus, no interior da Bahia, e, mais tarde, na feira de Água de Meninos na capital baiana. Embora os pais de Augusto não tenham sido feirantes, ele se iniciou nesse ofício por ter vislumbrado na feira um lugar de trabalho que possibilitaria mudar de vida e também conquistar autonomia.

Também seguindo os trilhos que conduziram sujeitos da roça para o universo das feiras, encontramos Maria dos Santos Souza, uma viúva e mãe de quatro filhos (por ela já considerados “bem criados”), identifica-se racialmente como morena, vive feliz, diz ser uma das alegrias da feira. Trabalho, casa e igreja formam a tríade que justifica sua existência. Porém, por já ter ultrapassado a fronteira dos 70 anos, ela desafia seus filhos que acreditam que não é mais para ela estar trabalhando naquele lugar por

¹³ Depoimento de Augusto Soares da Silva. Rua Marita Amâncio S/n Santo Antônio de Jesus-Ba. Nascido em 1916. Depoimento realizado em 2006. p. 02.

considerarem a feira já um espaço de trabalho impróprio para uma mulher idosa.

Maria dos Santos Souza nasceu numa roça localizada no município de Aratuípe, também região do Recôncavo Sul baiano. Seu pai possuía uma grande propriedade rural, produzia carvão e se deslocava para vender na feira livre de Santo Antônio de Jesus. Maria estudou até a 4ª série numa escola na zona rural e tivera a oportunidade de aprender o ofício de corte e costura em um curso em que era a única aluna da turma, graças à condição de vida do seu pai que pudera financiar o aprendizado de tal ofício. Aos 20 anos de idade, Maria do feijão, como é conhecida na feira e na cidade, se casou, segundo ela, “sem nunca ter dado um beijo na boca”, e veio morar numa região rural denominada Cocão, localizada no município de Santo Antônio de Jesus. Lá, ela se dedicava a costurar roupas para moças de várias regiões, inclusive vestidos de noiva.

Em meio a essa tarefa, Maria do feijão administrava e atendia os fregueses que frequentavam sua venda, enquanto seu marido cuidava das terras que possuía e vendia farinha na feira livre do mesmo município. Ela se tornou feirante quando saiu da roça e veio morar na cidade no início dos anos 70. O motivo do seu deslocamento foi poder proporcionar estudo para meus filhos.¹⁴ Maria do Feijão adentrou no ofício de feirante seguindo a tradição familiar, primeiro seu pai, depois seu esposo.

Também oriundo de Mutuípe, na região rural de Terra Seca e fruto de uma família de 10 filhos, Esmeraldo Nunes dos Santos, mulato claro, andar sereno, sorriso composto de um misto de tristeza e alegria, manteve a tradição de seus pais ao trazer também 10 herdeiros para o mundo. Esmeraldo da cebola, como é conhecido por seus pares e fregueses, relembra o passado ressaltando a condição social de seus pais como “fraquinhos”. Seu pai era proprietário de um pequeno terreno na zona rural e em meio às atividades agrícolas em sua própria terra, “dava dias de trabalho” em terras de outros proprietários, para garantir a sobrevivência dos filhos.

De uma maneira muito enfática, Esmeraldo da cebola narra que nenhum dos filhos de seu pai “deram dia de trabalho a pessoa alguma, nunca”, inclusive, ele chegou a ter roça e contratar pessoas na condição de

¹⁴Depoimento de Maria dos Santos Souza. Feirante. Rua Tenente Coronel Bandeira de Mello nº 223. Santo Antônio de Jesus-Ba. Nascida em 25/03/1938. Depoimento 12/11/2013. p. 04.

ajudante para trabalhar para ele. O tom com que esse feirante se expressou nesse momento de sua narrativa pode nos dizer muito sobre sua família e a forma como foram preparados para enfrentar a vida no futuro.

Desencantado com uma colheita na sua roça que não prosperou, Esmeraldo da Cebola, em meados dos anos 50 do século passado, resolveu acompanhar dois de seus irmãos que já eram feirantes, João do Couro e Augusto, e dividir o ofício com eles vendendo na feira livre da cidade de Nazaré das Farinhas, lugar onde teve suas primeiras experiências no mundo do trabalho fora da roça, comercializando carvão. Depois, parou de trabalhar na cidade de Nazaré e começou a desempenhar esse ofício na feira de Santo Antônio de Jesus.¹⁵

Um redemoinho de experiências marcam a vida desses sujeitos. As suas memórias e os depoimentos abriram caminhos para o passado que revela fatos e significados até então invisíveis a mim como historiador.¹⁶ Dito isto, algumas ilações já podem ser feitas a partir das histórias desses homens e mulheres aqui narradas. Segundo Paul Thompson, em termos de tema, existem quatro forças e potencialidades especiais do trabalho com pesquisa oral – vozes ocultas, esferas ocultas, esfera dos mitos e das tradições orais e estabelecer conexões através das vidas. Ele destaca que a infância está entre as esferas ocultas, ou seja, aspectos da vida da maioria das pessoas que raramente são bem representados nos arquivos históricos, a infância é uma experiência surpreendentemente oculta e é preciso “recuperá-la”.¹⁷

Concordo com Paul Thompson no sentido de percebermos que o mergulho nas experiências da infância na roça desses feirantes pode revelar aspectos ainda não estudados da cultura e do mundo do trabalho desses sujeitos. As histórias de Vitalina Souza, que acompanhava sua mãe nas longas jornadas de trabalho desde os dez anos de idade, de Augusto Laranjeira, que acompanhou seu pai aos oito anos, e muitas outras são experiências que mais tarde comporiam os estilos de vida, cultura, trabalho e movimentos característicos desse grupo ou categoria social.

¹⁵ Esmeraldo Nunes. Op. Cit. p. 02.

¹⁶ Eurípedes Funes, Mocambeiros, nordestinos e seringueiros. Histórias e Memórias, in: Antônio Torres Montenegro; Regina Beatriz Guimarães Neto (Orgs.). *História, cultura, trabalho: questões da contemporaneidade*. Recife-PE. Editora UFPE. 2011.p. 192.

¹⁷ Paul Thompson, *História Oral e contemporaneidade*, Belo Horizonte, UFMG, 2000, p. 16-17.

Aqui entendo categoria social na concepção da historiadora Simona Cerutti, quando afirma

[...] que não é só a profissão que identifica os indivíduos, é preciso desenhar um horizonte que vá além da profissão ou do estatuto social. Não podemos renunciá-la, mas discutir os pressupostos e enfrentar as contradições. Ela chama a atenção para a necessidade de interrogar as experiências dos sujeitos e perseguir seus percursos individuais a fim de reconstituir a variedade de suas experiências nos diferentes campos da vida social.¹⁸

Interrogar as experiências desses feirantes, perseguir seus percursos individuais para reconstituir a variedade de suas experiências nos diferentes campos da vida social, que vai, por exemplo, da fé ao mundo do trabalho, parece-me uma ótima opção e possibilidade para melhor compreender o que é um ser feirante na região do Recôncavo baiano, mais especificamente um trabalhador da feira livre de Santo Antônio de Jesus entre os anos 1950-70. As narrativas desses homens e mulheres indicam várias questões que pretendem responder sobre as formas e modos de inserção no ofício e na feira livre.

A primeira é que, em várias trajetórias e histórias de feirantes, o mundo da criança imbricava-se com as atividades referentes ao mundo do trabalho dos adultos. Eram meninos e meninas que seguiam solidários os seus pais, ajudando-os no transporte e na venda das mercadorias na cidade. Muitas dessas experiências de solidariedade já existiam nas roças, quando essas crianças ajudavam seus pais desde a lida na preparação da terra para o plantio até à colheita das roças, participavam do beneficiamento da mandioca, do milho, do fumo e do trato da criação miúda, entre outras atividades.

Então, muitos deles adentravam no ofício ainda criança e jovens, por tradição familiar, como é o caso de Vitalina Souza, Esmeraldo da Cebola, Elizeu da Farinha e Antônio do Chapéu, esses dois últimos veremos mais

¹⁸ Ver: Simona Cerutti, A construção das categorias sociais, in: Jean Boutier; Dominique Julia (Orgs.), *Passados recompostos: campos e canteiros da história*. Rio de Janeiro. UFRJ/FGV. 1998. Simona Cerutti, Processo e experiência: indivíduos, grupos e identidades em Turim no século XVII, in: Jacques Revel (Org.), *Jogos de escalas: a experiência da microanálise*, Rio de Janeiro: Ed. FGV, 1998. p. 183-187.

adiante. Outros, como Augusto Laranjeira e João do Couro, ainda não possuíam familiares nesse ramo de comércio, mas a luta pela sobrevivência e conquista de uma condição de vida melhor fizeram com que eles vislumbrassem na feira livre uma oportunidade para tal êxito.

A segunda é que vários desses feirantes iniciaram a prática e aprendizado nesse ramo de trabalho em outra feira livre, a de Nazaré das Farinhas, por ser essa feira até a primeira metade do século XX a mais famosa e movimentada da região do Recôncavo da Bahia, embora alguns cronistas e autores já percebessem sinais de marasmo nessa feira nas últimas décadas do século XIX e uma vitalidade na feira livre de Santo Antônio de Jesus. Muitos só deixaram de vender na feira de Nazaré, quando ela começou a perder movimento e importância, como foi o caso dos feirantes João do Couro e Esmeraldo Nunes, Elizeu da Farinha e muitos outros.

Existia uma relação bastante estreita desses trabalhadores com a cidade de Nazaré, pois foi nela que as primeiras experiências aconteceram, sendo até então considerada como a maior e mais importante feira da região. Após sua decadência, a feira de Santo Antônio assume tal posição. Essa questão permite reafirmar a relação histórica existente entre essas duas cidades.

Uma terceira questão é a origem dos homens e mulheres feirantes que decidiram exercer tal ofício na feira livre de Santo Antônio de Jesus. Essa feira atraía pessoas de várias cidades e contextos sociais diferentes da região, a exemplo de Sapeaçu (Augusto Laranjeira), Aratuípe (Esmeraldo da Cebola e Maria do Feijão), Dom Macedo Costa (Antônio do Chapéu), Castro Alves (Brasilina Maria de Jesus); dentre outras. A feira livre de Santo Antônio apresentava uma grande capacidade atrativa para aqueles que nela adentravam impulsionados por várias escolhas e motivações, como é o caso de Elizeu Lopez da Mota, que nasceu na Fazenda Riachão, próximo ao 53,¹⁹ zona rural de Santo Antônio de Jesus.

Essas questões, até então, invisíveis sobre as experiências dos feirantes que trabalhavam/trabalham na feira livre de Santo Antônio de Jesus me leva a pensar sobre o primeiro pressuposto que torna a história oral diferente, conforme observou Alessandro Portelli. Segundo este autor,

¹⁹ Não foi possível explicar o porquê dessa designação 53, com o que ela está relacionada e suas implicações até o presente momento. Irei investigar a questão para esclarecê-la.

entrevistas sempre revelam eventos desconhecidos ou aspectos desconhecidos de eventos conhecidos. Entrevistas sempre lançam nova luz sobre áreas inexploradas da vida diária das classes não hegemônicas.²⁰

Com uma jovialidade e um sorriso esfuziante, Elizeu da farinha é um dos personagens bastante conhecidos na feira, atuando nesse universo há mais de 60 anos. Ao lembrar como começou toda essa trajetória, ele disse:

Estudei, agora naquele tempo era aquela vida cansada né? Às vezes ia duas de manhã até mei dia, três no corrê da semana, porque tinha que rancá mandioca, tinha que peneira massa, e os pais da gente vivia daquela produção e a gente tinha que luta com a produção que ele tinha né? De qualquer maneira tinha que rancá mandioca. Naquele dia que rancava mandioca, tarefa, não ia na escola. Tinha massa pra peneirá e quando fui ficando mais forte já foi pra puxá mandioca.²¹

Elizeu da Farinha “estudou pouco”, membro de uma família composta por 8 filhos, desde criança, dos 7 aos 10 anos de idade, trabalhava auxiliando seus pais na roça, lidando com as atividades inerentes ao plantio e à colheita da mandioca. Por volta dos anos 1953, iniciou-se no ofício de feirante acompanhando seu pai até a feira para vender farinha no mercado, de acordo com ele “no tempo que vendia a medida não vendia a peso”. Quando o seu pai ficou doente, assumiu o comércio, com 15 anos de idade. Elizeu da Farinha foi mais um trabalhador que aprendeu o ofício por tradição familiar e foi introduzido no ambiente da feira livre por esse mesmo caminho.

A maioria dos feirantes não tiveram oportunidades de estudar por causa das dificuldades financeiras de seus familiares, ausência de escolas nas zonas rurais e porque, quando crianças, tinham que trabalhar com seus pais, quando não, dividiam o tempo do estudo com o tempo do trabalho. Antônio Virgílio Souza, vulgo Antônio do Chapéu, que nasceu na fazenda Santo Antônio, zona rural das Três Bocas, no município de Dom Macedo Costa, é outro feirante que cursou apenas as séries iniciais do primário. Pai de quatro

²⁰ Alessandro Portelli, O que faz a história oral diferente, *Revista Projeto História*, São Paulo, v. 14, fev. 1997.

²¹ Depoimento de Elizeu Lopez da Mota. Feirante. Rua... Nasceu em 14/06/1940. Depoimento 15/07/2015. p. 01.

filhos, um deles fruto de adoção, Antônio estudou “até o 4º livro”. Seu pai, além de trabalhar no plantio e colheita de produtos agrícolas na roça, criava e matava porco para vender nas feiras livres das cidades de Santo Antônio de Jesus e Nazaré das Farinhas. Na década de 60 do século XX, Antônio do Chapéu aos 20 anos começou vender carne de porco na feira de Santo Antônio de Jesus, atividade que continua desempenhando até os dias atuais.²² Com certeza, seu pai foi o maior inspirador para que ele adentrasse no ofício e na feira.

Na trajetória dos caminhos que conduziram tantos sujeitos ao mundo da feira livre também se encontra Brasilina Maria de Jesus Pires, que nasceu em Boa Paz, zona rural da cidade de Castro Alves. Logo cedo, ainda criança, perdeu seus pais e foi adotada e criada por um amigo de seus pais chamado Santinho. Ela não aprendeu as primeiras letras quando era criança e só adquirindo tal habilidade quando foi para Santo Antônio de Jesus e cursou o Mobral²³ aos 45 anos de idade. Segundo ela, a infância “foi o tempo que eu passei mais melho de minha vida, perdi pai, perdi mãe, mais brinquei muito de boneca”. Na narrativa de Brasilina Maria, o tempo de criança difere muito da maioria dos sujeitos desta pesquisa. Ela não teve experiência de começar a trabalhar em seus primeiros anos de vida como diversos feirantes. Ela afirma que só começou a vida dura depois que casou aos 19 anos.

Em sua trajetória no mundo do trabalho, morando ainda na cidade de Castro Alves, ela plantava e colhia mandioca, fumo, feijão, pimentão, batata-doce, cebola e alho. Seu esposo trabalhava na enxada na roça para seus patrões num “sistema de meia”. Ao lado de seu esposo “ganhava café no quintal dos outro” e depois começou a trabalhar numa olaria que produzia cerâmica na mesma cidade.

Logo quando chegou no município de Santo Antônio de Jesus, ela trabalhou de “quebrar pedra” numa pedreira localizada no Sururú, zona rural dessa cidade. Insatisfeita por causa da predominância do universo masculino nesse ramo de trabalho, motivo pelo qual tornava esse ambiente inóspito à

²² Depoimento de Antônio Virgílio Souza. Lavrador e Feirante. Zona rural dom Macedo Costa. Nasceu em 24/05/1949. Depoimento 23/07/2015, p. 02.

²³ O Movimento Brasileiro de Alfabetização (MOBRAL) foi um projeto do governo brasileiro, criado pela Lei nº 5.379, de 15 de dezembro de 1967, e propunha a alfabetização funcional de jovens e adultos, visando conduzir a pessoa humana a adquirir técnicas de leitura, escrita e cálculo como meio de integrá-la a sua comunidade e ainda permiti-lhes melhores condição de vida.



figura feminina por causa do respeito que quase sempre ali faltava, Brasilina decidiu afastar-se dessa atividade.

Em seguida, iniciou-se no ofício de feirante acompanhando seu esposo que tomava conta de uma grande fazenda na cidade de Santo Antônio e o proprietário concedeu-lhe a permissão de plantar e cultivar. O Esposo de Brasilina vendia os frutos da produção, como a carne, na feira livre desse município.²⁴ Apesar dessa vivência ser importante na sua história, ela não gostava de trabalhar na feira livre.

Mesmo que estivessem atuando no mesmo espaço de trabalho, a história das formas de inserção dos feirantes no ofício e na feira demonstra ser ampla e plural. Isso indica que as experiências dessa categoria social foram moldadas por um conjunto de escolhas, motivações, interesses, expectativas, estratégias e intenções diversas. Nesse sentido, é preciso levar em consideração os aspectos do cotidiano, a diversidade étnica e cultural, e entender que a experiência atuou na constituição do que se convencionou designar como feirante.

A reconstituição das trajetórias aponta para a experiência desses sujeitos na sua formação e na história desse universo de trabalho, que se traduz como algo extremamente relevante e revelador. As trajetórias dos feirantes, levando em consideração as suas múltiplas experiências, demonstraram-se multifacetadas e plurais e muito pode nos dizer sobre os modos de inserção desses homens e mulheres no ofício de feirante e na feira, se forem interrogados.

A partir de uma concepção de história que leva em consideração a experiência dos sujeitos históricos mediada pelas relações de produção e resultante de dimensões culturais em momentos históricos específicos, estabeleço um diálogo com a noção de experiência de E. P. Thompson, para reconstituir as trajetórias desses trabalhadores em seu processo histórico de “fazer-se” um feirante ou pensar na construção dessa categoria ou grupo social. Tornar-se feirante acontece dentro de um processo de autoformação que ocorre efetivamente a partir das experiências vivenciadas e apreendidas por homens e mulheres concretos e reais. As experiências dos feirantes

²⁴ Depoimento Brasilina Maria de Jesus Pires. Ex-feirante. Aposentada. Rua Viriato Lôbo, nº 523, Centro. Nasceu em 13/05/1929. Depoimento 06/08/2015. p. 03.

remetem a um universo permeado de valores inscritos na vida e nas relações sociais observadas à luz da concepção de Thompson, quando afirma que:

[...] os valores não são “pensados”, nem “chamados”; são vividos, e surgem dentro do mesmo vínculo com a vida material e as relações materiais em que surgem as nossas ideias. São as normas, regras, expectativas, etc. necessárias e aprendidas (e “aprendidas” no sentimento), no “habitus” de viver; e aprendidas, em primeiro lugar, na família, no trabalho e na comunidade imediata. Sem esse aprendizado a vida social não poderia ser mantida e toda produção cessaria.²⁵

O que Thompson afirma pode se notar nas narrativas dos sujeitos feirantes, suas vidas estão desenhadas e circunscritas num mundo de valores que norteava e justificava sua existência: buscar um trabalho que lhes permitisse maior liberdade e dignidade; ajudar seus pais a criar os filhos; proporcionar estudo e educação formal para a prole; libertar-se da dominação e exploração no mundo do trabalho à qual alguns estavam submetidos no mundo rural, principalmente pelo fato de não possuírem terras.

Originários de condições sociais diversas, múltiplos foram os motivos que impulsionaram esses homens e mulheres a adentrarem nesse ofício. Através das narrativas, pode-se fazer a seguinte observação: a escolha da feira pode ser também a busca por um vínculo com a tradição familiar, o aprendizado transmitido de pais para filhos. Mesmo aqueles que não se iniciaram via inserção familiar, seus descendentes atuaram também na feira livre.

Essa maneira de se inserir no ofício de feirante, esse pertencimento, a forma de ver a feira como “um bem”, são elementos que representam dimensões das identidades dos feirantes no Recôncavo Sul da Bahia. A família significa a própria reprodução dessa memória, história e existência. A feira livre concretiza as relações de trabalho, de sobrevivência e os modos de viver. Tudo isso envolvido numa tradição moldada nas teias dos laços culturais.

²⁵ E. P. Thompson, *A Miséria da teoria: ou um planetário de erros – uma crítica ao pensamento de Althusser*, Rio de Janeiro: Editora Zahar, 1981. p. 194.

A amizade também influenciava a entrada de pessoas nesse universo. O que existe em comum nessas histórias é, entre os anos 1950-70, a atração dessa atividade comercial para muitas pessoas de níveis e condições sociais diferentes, principalmente das zonas rurais de várias cidades do Recôncavo da Bahia, que vislumbraram ali horizontes possíveis para suas vidas, a exemplo de Maria do Feijão, que era uma mulher de condição social favorável, mas, mesmo assim, ao ir morar na cidade com o intuito de oferecer estudo para seus filhos, adentrou no ofício de feirante.

Outra leitura pode ainda ser feita sobre esse contexto. As experiências desses sujeitos sugerem uma ruptura que estava ocorrendo nas relações sociais e também no mundo do trabalho na região do Recôncavo da Bahia e muitas pessoas viam na feira uma nova possibilidade no cenário regional. A Feira, além da grande capacidade e potencialidade para venda e compra de produtos e mercadorias, apresentava um desenvolvimento comercial contínuo e próspero. Esses elementos devem ser conjugados com uma prerrogativa ímpar desse universo: a feira livre era o espaço da liberdade onde indistintamente todos podiam adentrar, mesmo sabendo que existia ali uma determinada lógica de privilégios para alguns indivíduos e hierarquias na organização espacial em função da condição do sujeito e de suas relações sociais.

O antropólogo Sidney Mintz afirma que

[...] as pessoas conduzem a maior parte das suas ações com base em suas experiências e aprendizados passados. Tais aprendizados e experiências podem ser amplamente compartilhados, mesmo de uma maneira não uniforme.²⁶

Dessa forma, acredito que as experiências anteriores que configuram o passado dos feirantes foram múltiplas, representadas e sentidas por eles de maneira diferenciada e são bastante significativas para entendermos suas trajetórias de vida no mundo do trabalho. Mais do que isso, as experiências serviram de instrumento para influenciar ações, atitudes e decisões de muitos homens e mulheres que em algum momento de suas vidas optaram por comercializar e viver no universo da feira livre de Santo Antônio

²⁶ Sidney W. Mintz, *Cultura: uma visão antropológica*, *Revista Tempo*, Rio de Janeiro – UFF, v. 14, n° 28, Jan-Jun, EDUFF, 2010.

de Jesus, que, a partir da segunda metade do século XX, apresentava dentro da dinâmica comercial uma capacidade atrativa na cidade e na região para muitos homens e mulheres do interior de vários lugares, constituindo um pertencimento étnico-racial e de status social.

Mas, por que essa cidade era um grande atrativo na região entre os anos 50 e 70 do século passado? Havia a ideia de que Santo Antônio de Jesus era uma cidade já grande, com uma concentração e comercialização de uma diversidade de produtos, meios de transportes mais acessíveis, possibilidade mais abundante de conseguir produtos para alimentação, e a feira era um espaço que se inseria nesse campo de atratividades ofertadas nessa cidade. A partir das narrativas orais de homens e mulheres que se tornaram trabalhadores da feira livre de Santo Antônio de Jesus no referido período, foi possível descortinar um dos aspectos invisíveis de suas histórias.

Recebido em 10/10/2015 - Aprovado em 20/10/2015

